



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

TRABALHADORES! CAMARADAS! LUTAI COM O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS E COM A INTERNACIONAL COMUNISTA CONTRA A GUERRA! CONTRA O FASCISMO! CONTRA A DITADURA SALAZARISTA E A SUA POLITICA DE GUERRA! CONTRA A MOBILIZAÇÃO PARA ÁFRICA!

Face à nova curva do caminho

Os choques no seio das forças de apoio da Ditadura

A última intenção tem, na vida da ditadura portuguesa, uma significação muito especial.

Pela primeira vez, de uma maneira aberta, actuam forças de apoio da Ditadura em ligação com alguns chefes revirralistas.

Isto significa, naturalmente, que uma parte dos chefes revirralistas, assustados com o nível que a luta de massas vai tomando, e com a crescente influência do Partido, se lançam desesperadamente no conflito com as forças mais reaccionárias da Ditadura, mas significa, também, que as contradições internas do nosso fascismo atingem tal acuidade que não podem já, por muito tempo, liquidar-se no segredo de gabinete.

Com efeito, a proximidade da guerra e o agravamento da crise interna exacerbam de um modo fantástico as contradições da burguesia indígena.

A política de consórcios e federações (monopólios) que se apresentou como panacéia à burguesia desorientada e às massas esfomeadas, revelou-se bem nitidamente incapaz, não só de resolver a crise, mas até de a atenuar. Na realidade, apenas conseguiu baixar ainda mais o nível de vida das massas, e, à custa disso e do esmagamento de parte da pequena produção, arranjar um alívio passageiro para a grande banca e para os grandes proprietários e industriais.

Este alívio está a acabar e a situação apresenta-se, agora, que a política de consórcios e de federações revela a sua ineficácia, bem mais grave que antes.

Assim como o morfórnio não, após o alívio passageiro de cada queda, se encontra num estado pior que antes, assim o sistema capitalista, em geral, após o alívio passageiro de cada «picada» dos tóxicos da «economia dirigida», do fascismo, etc., se encontra numa situação mais grave.

Todas as «grandes soluções» salazaristas se revelam incapazes de resolver os problemas mais simples das massas laboriosas.

O equilíbrio orçamental foi unicamente conseguido à custa do agravamento dos impostos, pois as despesas do Estado são hoje incomparavelmente superiores, com o agravante de que na sua quasi totalidade se aplicam em coisas impro-

Continua na 5.ª página

Um apelo da Internacional Comunista

ABAIXO A GUERRA!

O Comité Executivo da Internacional Comunista comunica-nos o apelo seguinte que publicamos na íntegra

A TODOS OS OPERÁRIOS E SUAS ORGANIZAÇÕES! A TODOS ADVERSARIOS DA GUERRA! A TODOS OS POVOS QUE NAO QUEREM QUE A CARNIFICINA MUNDIAL DE 1914 RECOMECE!

Da luta imperialista das grandes potências capitalistas, principalmente a Inglaterra e a Itália, pela dominação na Abissínia, resultou a agressão do fascismo italiano contra o povo abexim.

Os aviões italianos bombardeiam cidades e aldeias pacíficas na Abissínia. O imperialismo inglês, pretextando uma solução duvidosa pela «independência» da Abissínia, prepara-se para uma guerra contra a Itália para ficar senhor da Abissínia. A esquadra britânica encontra-se pronta para entrar em serviço.

Ao mesmo tempo que a Inglaterra, os outros Estados imperialistas reclamam, sob o pretexto do estabelecimento da paz, o protectorado sobre a Abissínia.

Os instigadores da guerra desenvolvem em outros países uma actividade febril. A Alemanha fascista procura utilizar a guerra de África para preparar uma agressão contra a Lituânia. A Alemanha e a Polónia e a Hungria formam um bloco para a realização dos seus planos de agressão na Europa Oriental. A questão da Austria está de novo na ordem do dia.

As complicações militares na Europa assegurarão aos imperialistas japoneses a liberdade de acção no Extremo-Oriente para uma agressão armada contra o resto da China e reforçamento ao máximo da agressão contra a União Soviética.

A guerra do fascismo italiano contra a Abissínia poderá ser o prelúdio de uma nova guerra imperialista mundial.

A 25 de Setembro, oito dias antes do começo das operações militares, a Internacional comunista propunha à Internacional operária socialista uma acção comum contra a guerra.

A Internacional operária socialista não deu até ao presente resposta positiva à nossa proposta, porque fortes contradições se ma-

nifestam nas suas fileiras. Aqueles elementos da Internacional operária socialista que estão aliados à burguesia dos seus países, importam-se mais com os interesses das suas classes dominantes, do que com os interesses da paz. É esta a razão devido à qual eles resistem com todas as suas forças à realização da unidade de acção da classe operária em cada país e no campo internacional.

Nesta hora excepcionalmente grave, quando se trata de salvar a vida de milhões de homens, a classe operária deve exigir imperiosamente que, apesar da resistência dos adversários da frente única, o caminho se abra à poderosa corrente da unidade proletariana. Nós estamos convencidos que os partidários da frente única nas fileiras da Internacional operária socialista farão tudo para que a proposta da Internacional comunista seja aceite.

NÃO HA MAIS UM MINUTO A PERDERI NÃO SE PODE ADIAR PO MAIS TEMPO A REALIZAÇÃO DA UNIDADE DE ACÇÃO DE TODAS AS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS, DE TODOS OS AMIGOS DA PAZ EM TODOS OS PAÍSES, PARA ISOLAR E AMORÇAR O FOMENTADOR FASCISTA DA GUERRA!

A Internacional comunista convida todas as suas secções a proceder imediatamente à organização de poderosas ACCOES de todos os trabalhadores contra a guerra. A Internacional comunista lança aos operários socialistas, às suas organizações e partidos, o presente apelo, convidando-os a levantarem-se juntamente, ombro a ombro, contra os factores fascistas da guerra, apesar das divergências existentes até hoje.

Ela chama todos os operários, todas as suas organizações, sem distinção de tendências, todos os adversários da guerra, todos os amigos da paz, todos os povos que não querem ver a renovação das atrocidades da guerra mundial, a unirem as suas forças para combater a guerra de rapina empreendida pelo fascismo italiano, a lutar duramente contra ele e a auxiliar o povo italiano na sua luta libertadora.

Ela convida a classe operária de cada país a exercer a maior vigilância em relação à política dos seus governos imperialistas. Convida os trabalhadores a evitarem a extensão da guerra a outros países, e a evitar que a guerra italo-abexim se transforme numa nova carnificina mundial.

PROLETÁRIOS, TRABALHADORES DE TODOS OS PAÍSES!

Organizai, sem demora, ações comuns contra a guerra em todas as empresas, em todas as organizações, em todos os sindicatos, cooperativas, agrupamentos desportivos, em todos os parlamentos e municipalidades, POR TODA A PARTE! Juntai-vos em grandes e potentes meetings e manifestações! Aplicai igualmente, segundo as circunstâncias, outras formas eficazes de ações de massas! Mostrai ao fascismo italiano que não aceitais as provocações de guerra! Mostrai às classes dirigentes a vossa força na luta pela paz!

Pela unidade de acção de todas as organizações operárias, em primeiro lugar, dos trabalhadores de transportes, dos empregados de caminhos de ferro, dos marítimos, dos descarregadores, fazei com que nem um só comboio, nem um só navio parta para auxiliar a guerra italo-abexim.

Aplicar esta medida de combate, Continua na 5.ª página

Tarefas de Organização Conquistemos as fábricas!

Uma das maiores fraquezas do nosso trabalho revolucionário é sem dúvida a nossa falta de organização dentro das fábricas e empresas.

Todos os nossos camaradas reconhecem a grande importância das células de fábrica e de empresa, mas não procuram formar dentro das empresas onde trabalham, células fortes. E, no entanto, a constituição das células de fábrica e de empresa é tarefa fácil, como o provam as numerosas células de fábrica e de empresa que o nosso Partido já hoje conta. São essas células — e algumas estão muito longe de trabalhar bem — que nos mostram as grandes capacidades de trabalho das células de fábrica e empresa, em comparação com as de rua. Enquanto a maioria das células de rua não consegue, por exemplo, vender mais do que 25 ou 40 números do «Avante!», as células de empresa passam 300 e mais exemplares.

Se a vida das nossas células deve merecer toda a atenção dos quadros dirigentes do nosso Partido, as células de empresa e de fábrica deverão ser o ponto central de todo o nosso trabalho junto da base. E dentro das fábricas e empresas que a nossa ação revolucionária se deverá desenvolver de preferência, porque é dentro delas que o proletariado se encontra concentrado e disposto a lutar pelas reivindicações mediantes perante o patronato.

A todos os elementos do Partido que militam em células de rua, mas que trabalham em grandes fábricas e oficinas, deve ser alocada como tarefa fundamental a formação de uma célula na sua fábrica ou oficina. Dentro do l. fascista, a nossa base tem uma certa tendência oportunista para fugir à organização dentro das fábricas e empresas. Cabe aos vários escalões partidários lutarem decididamente contra esta tendência oportunista, e dedicarem toda a atenção para o nosso trabalho dentro das fábricas e oficinas.

PRECISAMOS DE REFORÇAR A NOSSA POSIÇÃO DENTRO DAS FABRICAS E OFICINAS ONDE CONTAMOS COM ORGANIZAÇÃO. Esse reforçamento será feito à base de um controle constante por parte de todos os organismos, sobretudo dos Comités Locais e Regionais, procurando eliminar todo o tradicionalismo anarquista e oportunista que existe ainda nas nossas fileiras. As nossas células de fábrica e de empresa ainda não têm uma vida política suficientemente desenvolvida, que lhe permita estudarem a forma de desenvolverem um trabalho revolucionário dentro dessas fábricas ou empresas em defesa dos interesses dos operários que nelas trabalham, organizando as lutas pelas reivindicações parciais e gerais, e ocupando-se ao mesmo tempo das questões de ordem geral e internas do Partido.

Os comités de frente-única realizados dentro das fábricas e empresas, procurando englobar todos os operários dessas empresas, para a luta pela amnistia e contra a guerra e o fascismo, deverá ser uma das tarefas fundamentais das nossas células. O caminho iniciado pelos nossos camaradas de Silves, organizando dentro das fábricas da localidade, comités de frente-única para a luta pelas reivindicações do proletariado das fábricas, e para a luta contra

Cresce o perigo de uma NOVA GUERRA

Os preparativos para a nova guerra estão ultimados. Os governos capitalistas já não precisam dos seus caixeiros viajantes das mentiras diplomáticas, para esconderem a sua política de guerra. A Sociedade das Nações deu tudo quanto podia dar. O seu papel de mediadora entre os imperialismos europeus está terminado. Cada país faz em matéria de armamentos o que muito bem lhe apetece, sem qualquer contemção pelos compromissos tomados, Pactos e Tratados são «pedaços de papel» para os governantes burgueses. O que lhes importa, é a conquista de novos mercados para a sua indústria, é a realização de uma nova guerra de partilha do mundo entre os grandes países imperialistas.

A divisão da África e da China são os pontos centrais, em volta dos quais se estão desenvolvendo os apetites vorazes das grandes potências. Uma modificação das fronteiras europeias, e o desaparecimento de alguns estados mais fracos e menos apetrechados para a luta, também é um ponto muito seriamente encarado pelo capitalismo imperialista; no entanto os interesses do capitalismo entrecrocaram-se a cada momento. Agora é a Itália com a Inglaterra, por causa dos interesses ingleses na África, oit. m. a Alemanha com a Itália por causa dos interesses da Alemanha na Austria, e, amanhã, o Japão com os Estados Unidos, por causa dos interesses dos Estados Unidos na China. Um só ponto une os interesses dos vários países imperialistas: o ataque à União Soviética. A U.R.S.S. representa hoje para os vários países capitalistas, um baluarte que dia a dia cresce, e que ameaça subvertê-los para sempre. Perante as lutas internas do capitalismo, resolvidas por artimanhas diplomáticas, ou pela força imperiosa dos canhões, a U.S. tem sabido manter-se alheada, preocupada unicamente em assegurar a causa da paz, e na construção do socialismo na pátria proletária. O Capitalismo mundial tem visto, preocupado, o reforçamento do Estado Soviético. A URSS é hoje o «maior perigo» para o capitalismo. Acima dos seus interesses territoriais e de expansão imperialista, existem os seus interesses de classes exploradora. São os interesses de classe exploradora, que unirão os vários países capitalistas na cruzada anti-soviética.

A frente única anti-soviética começa esboçando-se por uma forma tanto mais clara, quanto mais iminente se torna o perigo de guerra.

O discurso anti-soviético de Beck, ministro dos negócios estrangeiros da Polónia, na Sociedade das Nações é um sintoma de existência do bloco anti-soviético capitaneado pelo fascismo alemão de de mãos dadas com os fascistas japoneses, polacos, húngaros e búlgaros.

Dum largo trabalho de organização e de recrutamento dentro das fábricas e oficinas e da bolchevisação das células existentes, depende em grande parte o nosso trabalho revolucionário, e a bolchevisação do nosso Partido, como secção da I.C.

neses, polacos, húngaros e búlgaros. E toda a pandilha reacionária de mãos dadas na marcha para a frente anti-soviética; naturalmente que, com ela, marchará o capitalismo mundial. A guerra mundial será um «excelente pretexto» para o início de uma guerra anti-soviética. Mas, como disse o chefe mundial do proletariado revolucionário, Stalin, «todos os que pretenderem atacar o nosso país, serão repelidos resolutamente e não tornarão a meter os seus focinhos de javardos no jardim soviético... não tememos as ameaças e estamos dispostos a responder com golpes aos golpes dos que nos fizerem a guerra.» (Informe ao XVII Congresso do P.C.R.) Contra a cruzada anti-soviética estão os meios defensivos da URSS. Prontos a lutarem pela defesa da URSS estão hoje muitos milhões de operários e camponeses em todo o mundo. Com a URSS está a elite dos intelectuais e cientistas de todos os países.

Os salafários do imperialismo inglês em Portugal, os jesuitas-fascistas do governo Carmona-Salazar, estão prontos a cooperarem na «santa cruzada» contra a URSS, que o Papa abençoará, e onde vão enfileirar condignamente todos os fascismos assassinos do proletariado. Portugal, sob a ditadura «paternal» do monge Salazar prepara-se para cooperar na nova guerra. Segundo as afirmações dum almirante inglês, que a nossa imprensa não ralatou porque a censura lhe não permitiu, a Inglaterra julga que os portos portugueses da costa algarvia são de uma importância muito grande na nova guerra do Mediterraneo, e está pronta a servir-se deles para as suas manobras. A esquadra, obra do Estado Novo, será posta «generosamente» ao serviço de Inglaterra, e é enquadra na esquadra inglesa; foi para isso que o Almirantado inglês orientou a sua construção. A «NOSSA» ESQUADRA FOI PAGA COM O DINHEIRO ARRANCADO AOS PORTUGUESES PELO SALAZAR, MAS DESTINA-SE A SERVIR OS INTERESSES DA INGLATERRA. Isto é lógico e está certo. Se Portugal, sob o capitalismo, tem sido sempre um país vassalo da Inglaterra, não admira que lhe preste tributo da vassalagem. Esse tributo são as colónias africanas entregues à exploração inglesa e agora, sob o signo do Estado Novo, a esquadra paga com o dinheiro arrancado ao povo.

Esta é a política dos miseráveis seneiros ao serviço do imperialismo inglês. Esta é a política de guerra do governo Carmona-Salazar. Cabe a nós comunistas, o esclarecermos as massas sob o seu significado, e a leva-las a lutar pela sua defesa e contra a guerra. Somentemente uma ampla frente-única de base poderá evitar, por acções de massas, a participação de Portugal na nova guerra, que terminará numa guerra anti-soviética. O fascismo é a guerra. Para vencermos a guerra e defendermos a URSS, nós devemos lutar contra o fascismo assassino e contra os preparativos guerreiros.

Peja defesa da União Soviética! Contra a entrada de Portugal na guerra!

O «AVANTE!», completa Um ano de publicação

Com o presente número conta o nosso órgão central um ano de publicação. Dizer o que tem sido a vida do «Avante!», é desnecessário, porque todos os seus leitores a conhecerem através de cada número publicado. Como nos parecem distantes os primeiros meses de vida do nosso jornal! O que representou de sacrifícios e dedicação para muitos dos nossos camaradas, o seu aparecimento e a sua regular publicação, desconhecemos a maioria dos seus leitores. Os camaradas que arrostando com a repressão policial do fascismo, conseguiram assegurar a publicação regular do «Avante!», merecem ser citados, ao lembrarmos a publicação dos primeiros doze números da presente série.

E' muito grande o caminho andado pela nossa imprensa partidária. Se nos lembrarmos que pelo 18 de Janeiro o Partido não contava com imprensa alguma, e que, presentemente faz sair regularmente o seu órgão central, e facilita a saída de «O Marinheiro Vermelho», de «O Jovem», de «O Soldado Vermelho», além de muitas outras publicações e manifestos, reconheceremos que muito se tem feito em relação ao que havia, mas muito pouco em relação ao que é preciso.

As mudanças continuas da nossa tipografia, a que a repressão obriga, acarretam-nos grandes despesas. O pagamento irregular da nossa imprensa por parte de alguns camaradas, prejudica-nos imenso, visto que nos diminui as possibilidades de acção. E preciso, pois, que todas as nossas organizações se deem conta deste facto, e procurem remediar-lo, pagando prontamente a imprensa que recebem. Do pagamento regular de toda a nossa imprensa dependem em grande parte o nosso futuro trabalho revolucionário.

Independentemente do pronto pagamento da nossa imprensa partidária, todos nós deveremos procurar auxiliar ao máximo a nossa imprensa fazendo subscrições e quetes entre todos os simpatizantes da nossa causa. DO AUXILIO FINANCEIRO A PRESTAR PELOS Nossos CAMARADAS A NOSSA IMPRENSA DEPENDE EM GRANDE PARTE O ALARGAMENTO DA NOSSA ACÇÃO REVOLUCIONARIA. Precisamos de aumentar a venda do nosso jornal, precisamos que todos os nossos camaradas procurem vender o maior número possível de exemplares do «Avante!».

Que cada camarada leitor do nosso jornal cumpra o seu dever de revolucionário, auxiliando-o, são os nossos votos revolucionários, ao lembrarmos um ano da sua publicação.

DIFUNDI O «AVANTE!»!
AUXILIAI O «AVANTE!»!

Na Itália fascista Luta-se contra a guerra

A ideia de uma nova guerra em África encontrou uma forte oposição entre as massas camponesas, que têm mais ódio a uma guerra em África do que em qualquer outra parte, visto que lá se morre sempre quando não é pelas balas, é pela acção do clima.

A primeira manifestação de hostilidade...

(Continua na 5.ª página)

COMO VIVEM OS TRABALHADORES

A exploração entre os pescadores

PENICHE—Há neste porto a, aproximadamente 100 traineiras (barcos de pesca) e cada traineira comporta uma tripulação de 16 homens, o que equivale a um total de 1.600 homens que diariamente empregam a sua actividade na faina da pesca. São 1.600 vítimas da exploração por parte dos armadores, a quem eles, com perigo da própria vida, vão enriquecendo. Vejamos como é feita a exploração por parte dos armadores.

Os pescadores não tem salar fixo, sugerem-se a uma pequena percentagem sobre o valor do pescado. As contas de qualquer barco são feitas quinzenalmente, e da seguinte forma: se por exemplo o barco fez uma quinzena de 6 contos, o primeiro dinheiro a sair é para as despesas; se por exemplo a peça de bordo atingiu um conto, este é descontado, ficando a receita em 5, estes 5 contos são divididos em 33 partes de 151,700. Como a campanha é de 16 homens, dessas 33 partes vai uma para cada homem, e das 17 restantes, são 2 para o mestre e 1 para o contra-mestre, ficando o patrão com 14 num total de 1.221,700, isto livre de todas as despesas, visto que estas foram abatidas da receita geral antes da divisão. Isto quer dizer que quem paga as despesas são os pescadores visto que estas lhe são descontadas nas percentagens que lhes cabem.

Mas os patrões não se limitam a isto. Querem mais, e então exploram os pescadores, vendendo-lhes eles todo o material para bordo. Compram uma saca de sêmea por 40,500 e vendem-na a tripulação por 43,500 ou 46,500. Nas gasolinhas, óleos, desperdício etc., também tem larga percentagem. Não óva para o engodo, então exploram infamemente as tripulações, vendendo-a por um preço muito superior aquêl: por que a compram. De forma que mesmo que o barco não apanhe peixe, o patrão nunca perde.

Um tal José Acurcio que tem 3 traineiras vende meia barica de óva a uma das suas campanhas por 60,500 mais do que o seu valor.

Este miserável despediu um destes dias um pescador por estar doente. E como ele lhe devia 40,500 o miserável já o ameaçou por várias vezes de o denunciar na Capitania, caso não lhe pagasse. Não vê que o desgraçado pescador está deitando sangue pela boca, e que portanto lhe é impossível pagar-lhe.

Um outro armador de nome Alberto Aparal, como um dos seus barcos tivesse perdido uma êhece quando navegava, teve o descaramento de obrigar os pobres marítimos a pagar a referida êhece no valor de 500,500.

Camaradas pescadores! Formai o vosso sindicato para a defesa dos vossos interesses!

Lutai dentro do Sindicato contra a exploração de que sois vítimas!

Lutai com o P.C., que é o defensor dos interesses de todos os explorados como vós!

“BELEZAS DO ESTADO NOVO,,

Em Setubal os padeiros lutam contra o Sindicato Nacional

O célebre decreto dos três tipos de pão está provocando por toda a parte, e na provincia sobretudo, grandes protestos contra a exploração a que tem dado azo. Em muitas localidades o pão de terceira é uma mórda nauseabunda, que arruína os estômagos; ou então só há um pão de tipo único, feito com as farinhas dos três tipos que é vendido pelos patrões ao preço «lucrativo» do de 1.ª!

Nas localidades onde o novo decreto se cumpre, os patrões para não perderem os lucros chorudos que estavam auferindo com as negociações feitas à margem do novo decreto, resolveram demitir os salários aos padeiros. Foi o que um destes dias fizeram os patrões em Setubal, reduzindo para metade os salários dos operários.

A pandilha do S.N. fingiu interessar-se pelo caso e tratar da defesa dos operários. Marcou uma reunião, mas só para os da «grei». A maioria dos operários conscientes ficou na rua, e em numero bastante elevado (perto de 400) protestou contra a exploração do patronato. Surgiu então uma patrulha da P.S.P. que, brutalmente, tentou dispersar os operários. Estes ofereceram resis-

tência; então os janizáros da Policia começaram as pranchadas a torto e a direito, ferindo muitos operários. Estes, sentindo-se atacados, ripostaram, correndo a policia a pedrada. Então a policia carregou brutalmente, ficando gravemente feridos, muitos, e prendendo grande numero d'elles. A calçada de Castelo Branco Saraiva ficou rigorosamente policiada.

Os serventuários do «Estado Novo», reunidos no S.N., continuaram pacificamente a sua reunião, sem o mais pequeno protesto pelo que se acabava de passar na rua. Isto mostra-nos como estes miséraveis serventuários do patronato servem o capitalismo explorador, apoiando pelo silêncio as violências de que os seus companheiros de classe são vítimas. A atitude dos dirigentes do S.N. de Setubal, como a dos seus «semelhantes» espalhados pelo país — com vergonha do proletariado consciente, — mostra-nos bem claramente, qual é o seu papel dentro do fascismo salazarista: serventuários do patronato junto do proletariado explorado por êsse patronato. Foi para isso que Salazar criou o S.N., e é para isso que eles lá estão.

O “SECULO” EXPLORADOR

Na secção de máquinas de computador, de te jornal estão-se passando casos muito interessantes.

Há meses o jornal atrazava-se, não sabemos bem porquê. Então de entre as «grandes autoridades exploradoras» houve logo quem julgasse ter resolvido o caso pela forma seguinte: Em cada máquina de compôr foi instalada uma campanha eléctrica que era para quando o linotipista tivesse quasi concluido o original que tinha entre mãos, dar sinal para que trouxesse um mais. Como estes camaradas estão trabalhando de empreitada, a medida era absolutamente tola...

Mas não nos admira estas «grandes medidas», visto que chega a haver quem conte o tempo que os linotipistas levam quando vão satisfazer qualquer necessidade corporal.

E, assim, todos os dias, estes camaradas trabalham dentro deste socorrido... ambiente.

No fim de cada dia de trabalho cada camarada faz a sua folha da fêria, e é obrigado a desontar alem da roubalheira dos 2/3, mais 30, TRINTA e TRES POR CEM (30), segundo dizem os exploradores desses camaradas, para gaz, electricidade, e conservação da máquina...

A deminuição da venda nota-se com frequencia, e a falta de publicidade é constante e assustadora. Todos aqueles que leem este jornal devem ter reparado que as noticias são demasiadamente prolongadas e fatigantes. Isto deriva da necessi-

dade de preencher os espaços em branco deixados pela falta de anuncios. A situação financeira do jornal seria péssima se não fossem «os artigos de fúto» e principalmente da exploração infame do «Troca Tintas».

O nosso director partiu para o estrangeiro «em viagem de repouso», isso é-lhe possível pela exploração de que todos os nos vítimas dentro deste jornal, e com a colaboração do Estado Novo. O ordenado do «senhor» João Pereira da Rosa é de DEZ CONTOS. Na Secretaria os ordenados dos nossos camaradas oscilam entre 300 e 450 escudos, o que obriga a alguns, casados e com filhos, a trabalharem doze horas e mais. Este horário, por ser demasiado vi lento, já originou a morte de dois empregados que foram vítimas da tuberculose. O chefe desta secção é o editor que nada faz para melhorar esta situação.

Esta é a vida dos trabalhadores dentro dos grandes «baluartes» defensores do Estado Novo. Está certo, e é lógico. Para admirar seria o contrario do que acabamos de vos apontar.

Camaradas organizai a vossa luta contra a exploração de que sois vítimas. Organizai-vos no Partido Comunista, lutai com êle pelas vossas reivindicações de explorados e oprimidos. Formai um comité de luta pelas vossas reivindicações imediatas.

Abaixo o trabalho de empreitada! Abaixo a exploração! Viva o P.C.P.!

O que se passa em Portimão

PORTIMÃO—O celebre Comissariado do Desemprego, que se diz creado para dar que fazer aos desempregados, cumpre pela forma que vamos contar, a sua missão.

Portimão é, talvez, uma das cidades onde o operariado está sendo mais torturado pelas conseqüências da fome. Actualmente, perto duns 100 homens, a quem a fome lançou para o trabalho de limpeza das ribeiras por conta da Câmara, encontram trabalho de quinze em quinze dias, visto que os que têm trabalho durante quinze dias, ficam proibidos de ganhar a vida durante os outros quinze dias que se lhes seguem.

Só podem dar entrada no trabalho de limpeza das ribeiras os trabalhadores que receberem uma senha na Câmara Municipal. A distribuição das senhas é qualquer coisa de infame, como os camaradas vão ver.

Como aqui em Portimão os desempregados são em número muito elevado, e só são entregues 70 senhas, succede que, para receberem uma senha os desempregados chegam a ir dormir a noite inteira à porta do posto policial, local onde são entregues as referidas senhas. Na quinzena de 1 a 15 de Agosto era a 9 horas da noite e já se encontravam junto do posto da policia mais de 200 homens para receberem uma senha.

De manhã a «bicha» chega a ter 500 desempregados e mais, e como todos querem ganhar a vida, há discussões. Para «manter a ordem», está uma patrulha da GNR, que se divide muito por ver os pobres trabalhadores apertados uns de encontro aos outros, torturados pelo sol, pois que o local fica mesmo virado para o sol. Dos 500 trabalhadores, só 30 ou 40 recebem senhas, visto que as restantes vão para os campos e afillados dos senhores empregados e vendedores da Câmara. Ha certos cavalheiros filhos dos quinteiros destes senhores que ganham 3 e 6 quinzenas seguidas.

Os nossos camaradas desempregados sofrem todos estes vexames para ganharem o salário miserável de 7,500. E, em cada mês, só o ganham durante 15 dias.

Perante todas estas infâmias dos algozes da Ditadura Carmona-Salazar, só vemos uma força capaz de nos vingar das torturas que todos nós, operários e camponeses, jovens e adultos, estamos sofrendo. Essa força é o Partido Comunista. Filai-vos no P.C., univos aos vossos irmãos de classe e, juntos com êles, lutai contra essa pandilha de miséraveis assassinos da classe operária.

Formai em todas as aldeias, em todas as localidades, comités de luta contra a baixa dos salarios, contra o desemprego, contra os despedimentos em massa, pelo horário de trabalho nos campos, pela baixa dos gêneros indispensaveis, pelo aumento de salarios, porque não é com 7,500 que vos sustentais a vós e a vossa familia. Não é com 95,500 ganhos, em quinze dias que vós comereis um mês ou dois, que estais sem ganhar.

DEMAGOGIA DO FASCISMO

Aqui há meses esteve entre nós um paquete alemão que andava passeando pela Europa um bando de fascistas alemães pertencentes a uma organização nacional-socialista chamada «Alegria Pelo Trabalho». Esta organização destina-se na Alemanha a «premiar» a defesa do fascismo feita pelos operários fascistas. O Governo de Hitler emprega importantes somas, para que a esta minoria de vendidos aos verdugos da classe operária, nada falte. Para isso põe à disposição dessa organização alguns barcos que andaram passeando os seus associados pelos vários países da Europa. Como vemos, esta iniciativa do fascismo alemão destina-se a iludir as classes operárias com menos preparação política, fazendo-lhes crer que todos podem gozar tais regalias e sede que sejam «bons defensores» do fascismo sanguinário do carrasco do povo alemão, Adolfo Hitler. Ao carrasco do povo português, uma ideia peregrina lhe acudiu à mente, ao ver a obra do seu colega alemão: crear, em Portugal, uma organização semelhante.

E, pouco tempo depois, surge a «Fundação da Alegria Pelo Trabalho», cuidadosamente macaquada da sua congénere alemã; Salazar, num gesto de generosidade, dá o para a imitar, contemplou esta organização com... 200 contos!... devemos concordar que foi generoso...

Bem entendido, estes duzentos contos destinavam-se, sobretudo, a pagar aos funcionários do novo organismo. É o preço gentio, para fazer a propaganda do novo organismo, destinado, como é esmoamente diziam, a distrair o operário português. O resultado, era de calcular, como os funcionários tinham de comer, e o dinheiro era pouco, só chegou para alugar uns barquitos, para uma regata em Pedrouços, e para o estudo de uma barracão a construir na Caparica, para uma colónia balnear. O barracão foi resolvido que se construisse em Julho, mas como tiveram de ir lá, por umas poucas de vezes, uns quatro engenheiros, alguns agrónomos, e não sabemos mais que técnicos, ainda não conseguiram construir-lo; parece que só estará pronto lá para fins de Outubro. Ora como nessa altura já não poderá servir para colónia balnear, permitimo-nos dar um conselho (de graça) aos dirigentes da F.P.A.T.: transportem o barracão para a Serra da Estrela, e façam dele uma estância de ar para os milhares de operários portugueses a quem a falta dum salário suficiente para se alimentarem a si e aos seus, leva à tuberculose. Façam dele uma creche para os milhares de crianças que desconhecem a higiene e uma boa alimentação, por os seus pais serem infelizmente explorados pelos senhores do fascismo. Transportem-no para a África e façam dele um presídio para os assassinos da Rua da Leva da Moura, para os carrascos das prisões, para os assassinos de Manuel Vieira Tomé, Américo Gomes, Armando Ramos, Aurélio Dias, Ferreira de Abreu, etc.

Mas não brinquem à Hitler! E não julguem, senhores, que fludem o proletariado, porque isso sair-vos-á caro quando for o dia do ajuste de contas que não vem muito longe...

A Obra dos Sovietes

MOSCOVO DE HOJE

Transcrevemos mais abaixo uma carta enviada pelos operários da fábrica «O TORNO», de Moscovo aos seus camaradas franceses.

Caros camaradas. Tendes, certamente, ouvido falar das eleições para os Sovietes que tiveram lugar entre nós, há já algum tempo.

A nossa fábrica tem 4.000 eleitores. Assim, vós podereis avaliar a importância que tal acontecimento teve para nós.

No princípio da campanha ouvimos o relatório dos nossos representantes no Soviet de Moscovo e será, talvez, agradável para vós o conhecim. n. to do desenvolvimento da nossa cidade; que mesmo nós nos admiramos, de progressos tão rápidos, em tão pouco tempo.

Durante estes últimos quatro anos a população moscovita passou de 2.721.000 habitantes para 3.628.000, seguindo-se assim a New-York, Londres, Paris e Berlim.

A antiga Moscovo «o Moscovo dos comerciantes» era uma cidade de casas de madeira de um só andar. Os operários viviam em caves ou em asilos noturnos, tão admiravelmente descritos pelo nosso grande Máximo Gorki no seu livro «Os bas-fonds».

Esta antiga Moscovo desapareceu rapidamente. O nosso Soviet construiu de 1931 a 1934, 1.671.000 metros quadrados de habitação, e 500.000 trabalhadores receberam assim alojamento confortáveis, agrupados em 1.837 edifícios. A nossa fábrica, por exemplo, dispõe de vinte grandes edifícios com 600 alojamentos onde não somente existem cortinas nas janelas, bibliotecas particulares, canapés mas também cosinhas a gaz e casas de banho. 3.883 operários da fábrica e suas famílias habitam nestas casas.

A maioria das pequenas e médias empresas existentes antes da Revolução, foram transformadas em gigantescas fábricas, muitas outras fábricas foram creadas depois, principalmente uma fábrica de automóveis, uma grande fábrica de rolamentos de esleras, a nossa fábrica «O Torno», etc. A industria produz trinta vezes mais máquinas e, no total, mais 8 vezes de mercadorias que antes da Revolução.

De 1914 até hoje, a produção da energia eléctrica, quintuplicou.

Em lugar dos 54 postos de correio de 1913, existem presentemente 314.

O salário médio do operário de Moscovo passou de 122 rublos por mês a 174, ou seja o equivalente a um aumento de 41% no espaço de quatro anos.

O organismo dos seguros sociais em Moscovo passou de 161 milhões de rublos, em 1931, a 258 em 1934.

Durante o mesmo período, as lojas e armazens passaram de 2.043 a 3.305, os quiosques de 3.091 a 4.931.

Em 1934, 2.440.000 operários e empregados de Moscovo podiam tomar diariamente a sua refeição de meio dia, em restaurantes publicos (em 1931 somente 1.300.000). Não julgais que os nossos restaurantes não tenham menus variados, e que se trate duma «caldibana» colectiva. Nós podemos afirmar-vos que comemos bem.

Os nossos filhos não foram esque-

cidos: 420.000 recebem diariamente um almoço quente nos refeitórios escolares; 70.000 recebem a alimentação nas creches e jardins infantis. Nestes últimos, encontram-se 57.000 crianças. A nossa fábrica possui um nos arredores da cidade. Todos os anos os nossos filhos passam lá três meses respirando um ar puro, ao sol e, quando voltam, vêm doiraos pelo sol e alegres de viver!

O ensino elementar obrigatório já está realizado, e nós passamos, presentemente, ao ensino secundário obrigatório (dos 8 aos 17 anos). O Soviet da capital dispense 186 milhões de rublos na instrução (contra 53 em 1931).

Moscovo possui actualmente, 451 bibliotecas; a da nossa fábrica, por exemplo, tem 8.200 livros e organiza frequentemente reuniões de discussão entre os escritores e os leitores.

Nestes últimos três anos, foram construídos nove grandes clubes. Assim, o bairro de Lenine, situado na proximidade da nossa fábrica, chamava-se antigamente, o bairro de Simokof, onde existia um mosteiro com o mesmo nome cercado por várias igrejas e tabernas, as únicas distrações que o regimen czarista generosamente nos concedia. Presentemente, no lugar do antigo mosteiro, eleva-se hoje um Palácio cujos fins culturais vos descreveremos na próxima carta.

Os nossos institutos científicos passaram de 197 a 234, e o número de sábios de 9.646 a 15.412.

Em lugar de 26 teatros com 17655 lugares, temos 37 com 33.897 lugares, e estão sempre cheios!

Tudo isto foi realizado não somente com os 2.000 eleitos par. o Soviet de Moscovo, mas também com a ajuda dos 45.000 operários que, depois do seu trabalho na fábrica, vêm participar nos trabalhos das Comissões dos Sovietes.

Eis, brevemente resumido, o relatório do Soviet de Moscovo. Naturalmente que nós estamos orgulhosos do que se fez, mas isso ainda não é o suficiente. Por isso, por ocasião da renovação do Soviet, nós entregamos as nossas reivindicações: construção de uma escola técnica para a nossa fábrica, dum refeitório suplementar, etc.

Nós, cheios de entusiasmo, elegemos 5 de entre nós para nos representarem no Soviet de Moscovo, e 13 no Soviet do bairro Stalinov de que faz parte a nossa fábrica. Nós comunicamos-lhe os nossos desejos de vermos dentro de poucos anos Moscovo tornar-se na cidade mais bela e mais moderna do mundo, simbolo de progresso e da cultura.

E com isto vamos terminar. E lemb-nos, caros camaradas, da França, da vossa vida, do vosso trabalho, e interroguem-nos; nós responderemos-vos com prazer.

Saudações proletárias. Os vossos amigos operários da fábrica «O Torno».

(Seguem-se trinta e três assinaturas)

O Presidente do Comité Sindical da Fábrica:

Chingaiév

NA ALEMANHA hitleriana

Transcrevemos do jornal «National Zeitung» de Bale:

«O que os atuais dirigentes do Reich julgavam ter destrerrado para sempre da Alemanha elevand» com um gesto «magagnimo» a classe operária «ao mais alto grau da nação» acaba de produzir-se a meados deste mez; pela primeira vez depois de tres anos, rebentaram greves em várias regiões do Reich, na Silésia, Baviera, Wuerttemberg, Saxe.

Em Franconia, na Baviera, foram os operários da industria do vidro que cruzaram os braços; em Stuttgart, em Wuerttemberg, ... e em Schoenau, perto de Chemnitz no Saxe, o pessoal operário das fábricas mais importantes d'automoveis do Reich, declarou-se em greve... Tres mil operários das fábricas N.S.U. (motos e automoveis), sete mil operários dos Wandererwerke... Emfim nas fábricas A.E.G. de Berlim os operários declararam a greve dos braços caídos.

Dos onze milhões de operários membros da Deutsche Arbeitsfront, somente sete milhões recebem salários que ultrapassam o mínimo para viverem (100 marcos por mês). Os outros quatro milhões recebem de 40 a 100 marcos por mês, isto é, o equivalente aquilo que recebia um desempregado a dois anos, de seguro contra o desemprego.

As greves que acabam de estalar não tem grande importancia politica de momento. Indicam no entanto — devemos assinalar que os operários dos Wandererwerke em Schoenan são todos nazis comprovados — até que ponto o regimen dos baixos salários é insupportavel, sobretudo depois da subida do custo da vida que se deu no Reich nos dois últimos meses.

CUIDADO COM ELES

Apresentamos hoje aos nossos camaradas o nome e profissão de alguns agentes provocadores ao serviço da Policia de Informaçoes.

Aqui ficam os seus nomes arquivados para que um dia recebam a justa paga de tão «gloriosos feitos».

- Rodrigues Lopes (tipógrafo)
- António de Sousa (padeiro)
- Crates (serralheiro)
- Mendes Braga (tipógrafo)
- Saraiva (sapateiro na Sé)
- Angelo de Azevedo (vadio)
- Emilio Loubet (presidente do Sindicato de Pessoal do Bordo)
- Todos do Porto.

Fernando Ferreira Alves de Araújo (marinheiro 6019 da Brigada de Marinheiros)

O grumete torpedeiro n.º 6217. Estes de Lisboa.

Aqui deixamos aviso a todos os nossos camaradas. E se mais algum nome conhecer de algum outro miseravel que aqui não figure, envia-no, para que todos os nossos camaradas os fiquem conhecendo.

FACE À NOVA CURVA DO CAMINHO PRESUNÇÃO E AGUA BENTA...

(Continuado da 1ª página)

ditivas. Toda a gente geme sob uma carga fantástica de impostos, mas ninguém vê que do seu sacrificio resulte algo de util.

Gritou-se: «o nosso mal está na deficiente produção de trigo!» E todos se puzeram a cultivá-lo. E veio o trigo com abundância. Mas agora grita-se: «o mal está em se produzir muito trigo!». E restringe-se a produção. Dentro de um ou dois anos gritar-se-á novamente: «o nosso mal está na deficiente produção de trigo!».

Havia «muito vinho». D vidin-se o país em fronteiras, decretou-se o arranque das vinhas... Agora já se anuncia como uma calamidade que a colheita de vinho do ano corrente seja reduzidíssima.

Em geral, em todos os sectores da economia, encontramos a mesma politica de desorientação, mas o trigo e o vinho são o eixo da nossa politica agrária.

Daqui resulta que entre os próprios grandes agrários, lavram dissenções que se refletem na grande indústria e na grande finança, e se agravam cada dia, e que não podem deixar de traduzir-se por choques mais ou menos violentos no seio das forças que apoiam a ditadura.

A isto vem juntar-se ultimamente, a existência da guerra. A Inglaterra presta a envolver-se na guerra, olha atentamente os seus países vasallos e, portanto, Portugal. Não lhe restam dúvidas de que o salazarismo é incapaz de levar o país, «útilmente» à guerra. O descrédito dos actuais governantes, o vácuo que se faz à sua volta, é patente para toda a gente e, portanto, para o imperialismo inglês, que passa por ser um dos mais bem informados.

Dai que a própria Inglaterra exerça pressão para uma mutação politica, para uma espécie de «governo de União Sagrada» que organize um bloco mais sólido da nossa burguesia.

Estas são as raízes da última «intenção» e dos boatos que ultimamente circularam, de divergências no seio do governo e entre Salazar e do Conselho Superior de Defesa Nacional, etc. Que estas divergências existem e que são graves, é indubitável. Basta dar atenção ao zelo com que a imprensa diária se procura esconder. Porém há quem queira tirar, delas, conclusões tendentes a amortecer a acção das massas, espalhando ilusões a respeito de um próximo «restabelecimento da democracia», de «um revivalismo sem luta», etc, etc.

Ora aqui é que nos doe...

A Revolução cresce em Portugal. A Ditadura apresenta os primeiros sintomas de decomposição. Ninguém o pode negar.

Mas quais são os factores que levam a este estado de coisas?

Há três factores objectivos:

1.º O agravamento geral da crise mundial do capitalismo.

2.º A existência da URSS, e o crescimento impetuoso da economia socialista, face à queda catastrófica da economia capitalista, e a simpatia crescente dos trabalhadores de todos os países pelo Poder Soviético.

3.º O agravamento particular da crise em Portugal.

Mas estes são os factores que se

geram independentemente da nossa vontade. Eles representam um aspecto de certo modo crítico para o capitalismo, em geral, e para a Ditadura em particular, mas não são suficientes, apenas por si mesmo, para conduzir ao crescimento da Revolução e ao principio de decomposição da Ditadura. Ha outros factores, e estes são os subjectivos.

De entre estes destaca-se como de primeira grandeza, a crescente actividade independente, anti-fascista do movimento operário e camponês revolucionário do país, que se desenvolve sob a influencia e direcção do nosso Partido, da Comissão Inter-Sindical e das organizações anti-fascistas em geral. As massas radicam cada vez mais a confiança no seu próprio estorço, à base da experiência das suas próprias lutas. As lutas parciais contra as medidas de rapina da Ditadura, múltiplas e sucessivas, em muitos sectores, conduzem a vitórias. Unicamente a actividade assombrosa do movimento operário revolucionário, seguido de perto pelo movimento camponês se deve o insucesso estrotondoso das medidas de fascisação da Ditadura. Os «sindicatos nacionais» e as «casas do povo» não passam, em geral, de cenários de cartão por detrás dos quais existe o vacuo. E este é, precisamente, no momento presente, o ponto nevrálgico de Salazarismo. As medidas de nova rapinagem das massas que o agravamento da crise e a imminência da guerra impõem, não podem ser executadas, suficientemente, em tais condições, pelo salazarismo.

Que quer isto dizer? Quer dizer que a tática do Partido Comunista de arrancar as massas à crença de que a queda da Ditadura se fará automaticamente à custa de conspiratas isoladas das massas, levando-as a uma acção independente, se revela inteiramente justa e começa produzindo os seus frutos.

Com efeito o «revivalismo» com os seus «putschs», o m o seu «messianismo», com as suas «conspiratas» onde a provocação pulula, não têm conduzido senão objectivamente à consolidação da Ditadura. Primeiro, porque levando as massas a esperar a «libertação», de algo independente da sua própria vontade e do seu próprio esforço, castra a verdadeira luta anti-fascista de massas; segundo, porque com os seus continuos «pu-

tschs» rapidamente liquidados empresta à Ditadura uma «força» que ela na realidade não tem.

Ora bem; impenitentes nesta tática, alguns dos chefes revirahistas continuam espalhando ilusões a propósito destas divergências da Ditadura e do seu começo de decomposição, procurando fazer acreditar que «tudo vai acabar em bem», ou então que a Ditadura vai desaparecer como por encanto

Na realidade a situação é um pouco mais complicada.

Ha uma verdade axiomática que nenhuma das nossas organizações, nem o movimento operário revolucionário, nem as massas laboriosas em geral, podem nem devem esquecer: «A Ditadura decompõe-se e a Revolução marcha, na medida em que a actividade das massas e o seu caracter independente se desenvolvem. Um abrandar desta actividade, à custa de ilusões «putschistas» «revirahistas», «da liberdade por bem», não podem senão levar a uma consolidação da Ditadura, no seu aspecto actual ou noutra. E este é o fim que se pretende atingir com a boataria dos últimos dias.

Que conclusões tirar daqui?

1.º — Que as condições objectivas da luta anti-fascista se apresentam cada vez mais favoráveis.

2.º — Que é preciso, hoje mais do que nunca, repudiar toda a tática de putsch, e pondo-lhe a luta de massas, anti-fascista.

3.º — Que é preciso reforçar todo o nosso trabalho no seio das organizações de massas a desenvolver uma redobrada actividade na organização das lutas parciais contra cada aspecto da offensiva capitalista, contra as suas condições de vida.

4.º — Que é preciso abordar com decisão e audácia o problema da frente-única de luta, despendo-nos de todo o sectarismo, transigindo concedendo, ali onde a transigência e a concessão podem conduzir a alargar a luta independente das massas.

Só na medida em que soubermos sacar estas conclusões, a applica-las na prática, é que o processo de crescimento da revolução e da decomposição da Ditadura, se acelerará; só nesta medida caminharemos, decididamente, na via da conquista do pão da terra e da liberdade.

ABAIXO A GUERRA!

Vem da 1ª pagina

Encerrar a Itália num círculo de ferro de isolamento, resistir à guerra começada por ela, e dar um golpe nos fautores fascistas da guerra que se apressam para seguir o exemplo do fascismo italiano.

Os governos dos maiores Estados capitalistas representados na Sociedade das Nações condenaram-na de novo à impotência. O jogo dos interesses cêpidos das grandes potências imperialistas torna impossível uma acção colectiva e eficaz da Sociedade das Nações contra os instigadores fascistas da guerra.

A salvação perante a guerra está nas mãos do proletariado internacional e nas suas organizações. Depende de uma poderosa acção comum da sua parte.

A politica de paz da União Soviética, único Estado que luta decididamente contra a rapina imperialista e prossegue de uma maneira consequente uma politica de paz, é o mais sólido baluarte do proletariado mundial na sua luta contra as guerras imperialistas, e pela causa da paz.

Em presença dum perigo terrível, a Internacional comunista lança este apelo:

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Nem um comboio, nem um navio para auxiliar a guerra italo-abexim!

Um senhor que assina «J. Martin» e escreve no órgão da moagem umas crónicas internacionais, comentando a eleição do representante de Portugal para a presidência da «Comissão de coordenação de sanções» a aplicar à Itália pela Sociedade das Nações, diz o seguinte naquêl journal, em 13 do corrente: «Será necessário insistir sobre o significado dessas escolhas que honram os representantes de Portugal e provam o prestigio que esse país alcançou, em poucos anos, nos altos meios internacionais?»

Pois bem. Vejamos como o jornal «Agora» de Madrid, relata esta «honra para Portugal»:

«Genebra 11—A Comissão de coordenação nomiou presidente o sr. Vasconcelos, por proposta do sr. Laval. Tinha sido proposto o sr. Madariaga, mas este negou-se em virtude da reserva que o governo de Espanha havia formulado. Também tinha sido feita igual proposta ao delegado belga, sr. Hyman, ao delegado sueco, sr. Sandler, e ao delegado holandês, sr. Froeff, mas todos haviam recusado.»

A isto se resume a «honra para Portugal».

Pobres diabos...

NA ITALIA

(Continuado da 2ª página)

tilidade contra a nova guerra; deuse na Sicília, em Fevereiro último. Foi uma greve dos «zolfatari» durante a qual os operários e camponeses gritavam: «nós não queremos a guerra!»

Ultimamente deram-se várias manifestações ao longo da linha do caminho de ferro Bologna-Firenze, em que participaram operários e camponeses. Um movimento de revolta dos soldados da divisão «Gavinada» em Pistoia foi acompanhada de actos de violência contra a officialidade. Esta manifestação foi assim comentada por um oficial em uma carta escrita para o estrangeiro: «os soldados italianos mantêm-se tranquilos nas casernas, enquanto tudo está tranquiço, mas ao primeiro incidente tornam-se bestalmente violentos.»

Em Bolzano deram-se várias manifestações contra a guerra que tiveram uma grande importância; foram presos muitos operários e camponeses. Em Cremona mais de 200 camponeses manifestaram-se contra a guerra.

Em Olgiate (Como), os «carabineiros» guardam desde há um mês a Administração do Concelho como mêdo de uma manifestação dos camponeses, devido à sua situação desesperada provocada pela miséria e pela partida dos filhos para a guerra.

Luta! contra a guerra e contra o fascismo italiano!

Encerremos num círculo de ferro de isolamento os instigadores fascistas da guerra.

Abaixo as mãos perante o povo abexim!

Abaixo a guerra imperialista!

Viva a politica de paz da União Soviética!

Viva a paz!

O C.E. da INTERNACIONAL COMUNISTA.



PELA LIBERTAÇÃO DE TODOS OS ANTI-FASCISTAS PRESOS! POR UMA LARGA FRENTE ÚNICA CONTRA OS VERDUGOS FASCISTAS! O P.C. DIRIGE UMA PROPOSTA DE FRENTE-ÚNICA DE LUTA À C.G.T. E PARTIDOS REPUBLICANOS DA ESQUERDA

O nosso Partido acaba de enviar a todas as organizações anti-fascistas a seguinte proposta de frente-única:

Prezados camaradas.

Nas prisões ignóbeis do «Estado Novo» de Salazar encontram-se muitos dos mais destacados militantes da causa operária e centenas de anti-fascistas. Descrever o que é a sua vida dentro destas prisões, os vexames e maus tratos a que estão sujeitos, será escusado, porque certamente que vós, tão bem como nós, o deveis saber. A situação dos presos de Angra tende a agravar-se cada vez mais. Os carrascos fascistas que os guardam, ameaçam-nos de morte a cada momento. É aqui, que os espancamentos na Polícia de Informações, junto ao mau regime alimentar e falta de condições higiénicas não conseguir, conseguiu-lo-ão as estadias prolongadas nos «segrêdos» sem ar e sem luz, como o sinistro «Calejão» em Angra e a «Casamata» em Peniche.

Do Governo Civil, do Aljube, de Peniche, de Angra, de Timor, os presos anti-fascistas soltam todos o mesmo grito: Amnistia!

Correspondendo ao seu apêlo, o desejo de levar a cabo uma luta persistente e contínua pela amnistia para todos os presos e perseguidos anti-fascistas, o Partido Comunista Português vem hoje propor-vos o estabelecimento de um pacto de frente-única na luta pela amnistia. A frente-única de luta que vos vimos propor simboliza o nosso desejo sincero e ardente de lutarmos pela libertação dos presos anti-fascistas ameaçados de morte pelos carrascos do «Estado-Novo» fascista. Julgamos que a luta pela amnistia será cara a todas as organizações anti-fascistas, por que todas elas contam presos a ferros da Ditadura. Por isso vos passamos a expor as bases que supomos capazes de condicionar a nossa luta comum, sem que isto implique uma proposta fechada, pois afirmamos-vos a nossa melhor disposição de discutir convêncos qualquer alteração ou modificação tendente a aperfeiçoar o pacto a estabelecer.

BASE I

O Partido Comunista Português e estão de acordo em distinguirem-se a todos os agrupamentos e indivíduos que são contra o fascismo, em vistas da formação de uma frente-única de luta pela amnistia para todos os presos anti-fascistas e perseguidos políticos.

BASE II

As organizações participantes deste acôrdo formam entre si um comité de coordenação para a luta por estes objectivos, e mobilizarão todas as forças e elementos que as seguem, para formar na luta por eles, comités de frente-única, nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas casernas, nas ruas, etc. Este comité de coordenação, do mesmo modo que os comités que constituem a base deste movimento, lutam em vista de ganhar a frente de luta, pelos objectivos expressos

na base anterior, todos os indivíduos, grupos e organizações, combatentes do campo anti-fascista, independentemente da sua tendência política, ou mesmo sem partido, e por arrastar a ela a maioria das massas populares do país. Tomam como processo de luta a agitação e vulgarização pública da situação dos presos anti-fascistas, e a utilização de todas condições concretas e de todos os meios ao seu alcance para a promoção de acções de massas conducentes àquêlo objectivo.

BASE III

A cooperação neste trabalho de frente-única de luta não coarta a cada organismo participante o direito de conservar a sua completa independência orgânica e política e de prosseguir na propaganda dos seus princípios particulares.

Por outro lado o Partido Comunista manifesta vos o seu desejo sincero do estabelecimento de uma

ampla frente comum para a luta contra o fascismo e a guerra e pelo restabelecimento das liberdades democráticas. Deseja-vos fazer uma proposta concreta para a frente-única de luta pela amnistia, por julgar ser êste objectivo o que menos desacôrdo pode provocar e o meio mais simples de levar, desde já, todas as nossas organizações, a unificar os seus esforços para uma luta comum. Mas afirma a sua disposição ardente e sincera de entrar em negociações convêncos para o estabelecimento de uma frente comum com objectivos mais amplos.

Convencidos de que a vossa resposta se não fará demorar e responderá ao nosso desejo sincero de luta pela amnistia e do estabelecimento de uma ampla frente comum para a luta pelas liberdades populares.

Enviamos saudações revolucionárias.

O Secretariado do P.C.P. (SPIC.)

NOS CÁRCERES SALAZARISTAS MORREM LENTAMENTE CENTENAS DE PRESOS

Não é somente a policia politica que se esforça por aniquilar os detidos anti-fascistas. Nos cárceres de Salazar, a obra assassina completa-se. Em todas elas os presos passam uma vida de extrema miséria e sofrem uma constante perseguição por parte dos carcereiros.

Toda a imprensa ilegal, e em especial o jornal «Solidariedade», do SVI, tem narrado os vários e graves acontecimentos ocorridos, de alguns meses para cá, nas várias bastilhas salazaristas.

É, sobretudo, na Angra do Heroísmo, no Aljube, em Peniche, e no Governo Civil, onde se exercem as maiores violências e as mais repugnantes injustiças.

Em Angra encontram-se duzentos e tantos presos.

Isolados da Metrópole pelo afastamento e pela censura feroz dos carcereiros, o conhecimento dos actos de terror praticados contra os presos, chegam-nos incompletos. O que ali se tem passado é, porém, de molde a concentrarmos as maiores atenções na luta contra o banditismo dos carcereiros. Os espancamentos como o de 26 de Agosto p.p., em que ficaram gravemente feridos alguns camaradas; os castigos sistemáticos, sob os mais ligeiros pretextos — e provocações — que levam à horrível «Poterna» e ao «Calejão» os nossos camaradas mais dedicados; o roubo de dinheiro e de outros bens, feitos à sombra da censura à correspondência; as condições péssimas de alojamento e de habitação onde tudo falta, desde a higiene à acomodação razoável dos presos; a alimentação pôdre; a burla da assistência médica; etc., etc., constituem os métodos acon-

selhados por Salazar para se «desfazer» dos seus mais encarniçados inimigos.

No Aljube, também se esforçam os carcereiros por seguir as pisadas dos seus colegas da Angra. Aqui, porém, apesar de todos os esforços dos carcereiros, a vigilância anti-fascista está mais facilmente ao corrente do que se passa. A «fortaleza» do salazarismo que treme ao mais ligeiro sopro de uma palha, não consente que os presos do Aljube recebam a visita dos seus amigos. Apenas as famílias — e muitas vezes sucede passarem os presos um mês e mais impossibilitados de receberem visitas — os podem visitar. Salazar treme só com a ideia de que cá fora conste o que se passa nas suas cadeias. Eis porque tanto se esforça em isolar os presos do exterior. Quere aniquilar os presos mas isoladamente, «sem responsabilidades».

A alimentação também ali é péssima; os castigos vulgares, no célebre «segrêdo», onde morreu Tomé. As provocações dos carcereiros são constantes. A policia procura sempre lançar entre os presos, agentes seus, espiões e provocadores. Bastantes têm sido desmascarados, nas várias cadeias.

As barras das prisões não chegam para tranquilizar a alma tirânica dos algosos.

Peniche, é outro patibulo salazarista, onde os presos sofrem na sua carne, as verdadeiras manifestações da cristianíssima moral do Estado Novo. Do câo de guarda que comanda a Fortaleza, partiram as célebres palavras que o hão de immortalizar no rol dos grandes assassinos: «quem transpõe os arcos desta Fortaleza deixa de ser homem pa-

Os nossos militantes NAS PRISÕES

Os nossos camaradas presos no Aljube acabam de publicar o número 23 do seu boletim Inter-Prisional, que vem com uma bela colaboração.

Os nossos camaradas ex-marineiros a ferros do fascismo acabam de publicar o «Potentim», boletim que tem o nome do célebre couraçado russo, que em 1905 se revoltou em Odessa.

Também os presos da sala 2 do Aljube fizeram sair o «Esforço», jornal dedicado ao SVI. Também o jornal «Alerta», onde colaboram todos os presos, tem saído bastante regularmente.

Em todas as prisões do continente e ilhas se realizam palestras e cursos que permitem uma maior preparação politica para aqueles que as ouvem. E grande o número de presos politicos que se organizam no Partido dentro das prisões fascistas, após a convivência com os nossos camaradas.

ra se tornar qualquer coisa.

A alimentação, miseravel. A repressão, como nas outras cadeias, bestial. Os presos não podem receber visitas além das pessoas de famílias, mais chegadas. Como estas, porém, vivem longe, só raramente os presos recebem as receber.

Mas de todas as prisões salazaristas, na Metrópole, a mais imunda e a mais ignóbil, é a do Governo Civil. É tal a sobre-população de detidos, que estes dormem por turnos. Uma negra tarimba, num cárcere frio, negro, tumular. Trinta presos, por vezes, num acanhado recinto onde, a custo, podem viver sete. A repressão é no próprio calabouço, talhada na parede. A alimentação, já de si imunda, fornece-se em latas ferrugentas, sujas portadoras de todas as moléstias que os presos doentes lhes comunicam. Guardas soezes que maltratam as visitas.

É este, reduzidamente, o panorama «moral e civilizador» que o Estado Novo nos oferece, e que sempre «esquecem» de descrever pela boca dos seus propagandistas nas visitas ao estrangeiro.

Consta agora que, não contente com tão levantada obra, Salazar se prepara para isolar ainda mais, na ilha perdida de S. Tiago, em Cabo Verde, as vítimas que escolheu para satisfazer o seu ódio aos trabalhadores.

Está da nossa parte evitar o novo crime monstruoso que se prepara, lutando denodadamente pela amnistia, unido na acção todos os trabalhadores, e não despresando a luta pelas mais simples e actuais reivindicações dos nossos camaradas presos.

A unidade de acção com os trabalhadores de todas as tendências conduz-nos à victoria.

Sabamos vencer, portanto. Os presos olham-nos.